



**PARA ALÉM DA DISCIPLINARIDADE E DA DICOTOMIA DE GÊNERO?
A CONTRIBUIÇÃO DA PRAXEOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU
PARA ESTUDOS DE GÊNERO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

***BEYOND DISCIPLINARITY AND GENDER DICHOTOMY?
THE CONTRIBUTION OF PIERRE BOURDIEU'S PRAXEOLOGY
TO STUDIES OF GENDER IN ARCHITECTURE AND URBANISM***

V. 8, n. 1 [12]
jan/abr (2016)

Dossiê: Gênero e Espaço II

Karla Caser
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
karlacaser@gmail.com

Resumo

Este artigo faz parte de pesquisa iniciada em 2013 na Universidade Federal do Espírito Santo, sobre Relações de Gênero em Arquitetura e Urbanismo no Brasil. O objetivo deste artigo é apresentar revisão da literatura internacional sobre o tema e introduzir as contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu aos estudos de gênero e arquitetura. Primeiramente é apresentado um panorama das publicações em arquitetura e gênero na literatura internacional, onde são apresentadas as diferentes linhas/abordagens do assunto. Em seguida, é brevemente apresentada a busca pela interdisciplinaridade em arquitetura a partir da década de 60. Na última parte são apresentadas os principais conceitos da praxeologia de Pierre Bourdieu e os seus rebatimentos em pesquisas na área de arquitetura.

Palavras-chave

Praxeologia. Bourdieu. Gênero. Interdisciplinaridade. Arquitetura.

Abstract

This paper is part of an ongoing research developed since 2013 in the Universidade Federal do Espírito Santo, about Gender Relations in Architecture and Urbanism. The objective of this paper is to present the international debate regarding gender and architecture and introduce the contributions of French sociologist Pierre Bourdieu to studies of gender and architecture. First, it is presented a brief view of the international

literature, with its different approaches. Second, it is presented the search for interdisciplinary in architecture that starting on the 60s. Last, the praxeology of Pierre Bourdieu is presented, with its consequences to architectural research.

Keywords

Praxeology. Bourdieu. Gender. Interdisciplinarity. Architecture.

1. Introdução

Nos dias atuais é plenamente aceito que as abordagens estritamente disciplinares não são mais capazes de dar respostas efetivas a uma sociedade complexa.

Nos anos 60, as abordagens interdisciplinares emergiram na academia como uma forma de entender um mundo que não se enquadrava em nenhuma abordagem disciplinar/científica. Em arquitetura e urbanismo este movimento trouxe uma integração de estruturas conceituais de diversas disciplinas, dentre elas, a psicologia, a geografia e a sociologia, dentre outras. A partir do anos 70, estudos feministas passaram a ser integrados dentro da área disciplinar de arquitetura. Segundo Nesbitt, nos anos 90, em arquitetura "...Três temas da teoria crítica parecem despontar ... [sendo um deles] o feminismo e o problema do corpo" (Nesbitt, 2008, p. 79).

O objetivo deste artigo é revisão da literatura internacional sobre o tema e introduzir as contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu aos estudos de gênero e arquitetura.

2. Estudos de Gênero em Arquitetura e Urbanismo

Estudos de gênero na Arquitetura começaram a surgir na década de 1970 nos EUA. O artigo de Hayden e Wright (1976) é considerado referência ao mapear as principais contribuições feministas na arquitetura e planejamento urbano. Vinte e cinco anos depois, Ahrentzen (2003) apresenta uma revisão das pesquisas nesses últimos 25 anos e o mesmo faz Burns (2012) mais recentemente.

Estes diversos estudos vem sendo categorizados de maneira a evidenciar as diferentes abordagens, e apesar das limitações intrínsecas a qualquer categorização, elas funcionam como um mapeamento do campo dos estudos de gênero e espaço. Uma categorização foi proposta por Ahrentzen (1996) em *The F word in Architecture* para as diferentes abordagens do feminismo em arquitetura:

- Liberal: premissa de que as diferenças entre os sexos não deveriam ocorrer e que as mulheres deveriam ter os mesmos direitos que os homens;
- Cultural: valoriza as diferenças e as contribuições femininas;
- Contextual: busca por identificar como as condições sociais criam diferentes condições para homens e mulheres para assim poder criar “novos espaços, relacionamentos e identidades a partir de contextos modificados” (1996, p. 72)¹.

No final da década de 1990 começaram a surgir coletâneas interdisciplinares² que reúnem e reeditam os principais artigos escritos desde os anos 70 em adição às novas pesquisas. Dois destes livros também apresentam esquemas de categorização dessas pesquisas. Rothschild e Rosner (1999) no capítulo introdutório do livro *Design and Feminism* (Rothschild, 1999) divide as pesquisas em 3 campos distintos:

1. História – levantamento bibliográfico das profissionais e sua contribuição para a disciplina, numa tentativa de reescrever a história da arquitetura;
2. Arranjos Espaciais – estudos que exploram como as mulheres experienciam e usam o espaço doméstico e público (relação mulher e ambiente);
3. Teorias de Arquitetura e Gênero – desenvolvimento de teorias sobre o gênero e arquitetura, dividida em dois períodos distintos:
 - 3.1 Anos 70 e 80: exame da arquitetura (símbolos e prática) a partir da dualidade masculino-feminino.
 - 3.2 A partir dos anos 90: análise do contexto social que cria as condições para a construção da identidade e do gênero, como uma interseção de diversos elementos, como raça, classe, religião.

Na área de História, enquanto alguns autores focam em recontar a história dos primeiros anos de formação acadêmica, algumas publicações se dedicam à história das primeiras escolas de arquitetura paisagística, incluindo aí as escolas para mulheres, criadas para facilitar o acesso das mulheres ao ensino acadêmico de arquitetura. Nessa linha, uma publicação pioneira de destaque é *Women in american architecture: a historic and contemporary perspective*, editado por Susana Torre (Torre, 1977).

Na linha de estudos relacionada a Arranjos Espaciais, destaca-se a arquiteta Dolores Hayden com estudos relacionados a espaços públicos e domésticos e a mulher, temas desenvolvidos nos livros *Redesigning the american dream: the future*

¹ Tradução da autora. No original, lê-se “New spaces, relationships, and identities emanating from altered contexts” (1996, p. 72).

² Para uma crítica sobre essas coletâneas ver Burns (2011).

of housing, work, and family life (1986) e *The grand domestic revolution* (1982). Evidenciando a contribuição interdisciplinar, *New space for women* (Wekerle et al, 1980) trata dos problemas enfrentados pela mulher nos espaços domésticos e escritórios e tem editores com três diferentes formações: sociologia, psicologia e geografia.

Na linha de Teoria, a partir dos anos 90 destacam-se os livros *Architecture from without: theoretical framings for a new practice* (Agrest, 1991), *Sexuality and space* (Colomina, 1992), *Architecture and Feminism* (Coleman et al, 1996) e *The Sex of architecture* (Agrest et al, 1996). Estes escritos, embalados pela abordagem pós-estruturalista, abordam diferentes temas: descortinam as distinções de gênero presentes em arquitetura, desde legitimação profissional a práticas de contratação, passando por estrutura salarial; apresentam análise de biografias de arquitetas e dos problemas enfrentados por clientes mulheres ao contratarem arquitetos, como o ambiente construído participa na construção das identidades de gênero, bem como críticas a teóricos pós-estruturalistas como as desenvolvidas por Mary Mcleod em *Other Spaces and Others* a Foucault e de Certeau, devido a não abordagem explícita de questões de gênero (McLeod 1996).

Rendell et al (2000) na coletânea *Gender Space Architecture* também destacam a diferença entre as pesquisas feitas nos anos de 1970 e 1980 e as desenvolvidas a partir dos anos 90, que passaram a ser feitas dentro de uma perspectiva interdisciplinar, pós-estruturalista e de teoria crítica. Assim, utilizando teorias críticas e feministas de disciplinas afins como psicanálise, filosofia e estudos culturais, produziu-se uma história da arquitetura crítica de como patriarcalismo e sexismo produzem arquitetura. Segundo Ahrentzen:

Em ambos os esquemas de organização de projetos feministas em arquitetura (Rendell et al, 2000 e Rothschild e Rosner, 1999), nós vemos o crescimento intelectual de um campo de questionamento binário para um mais multifacetado e com mais nuances, e certamente com interpretações e análises mais complexas, similar ao desenvolvimento ocorrido na pesquisa feminista em geral (Ahrentzen, 2003, p. 184)³.

³ Tradução da autora. No original, lê-se "In both Rendell's (2000) and Rothschild and Rosner's (1999) organizing schemas of feminist projects in architecture, we see the intellectual growth of the field from one of binary inquiry to one of multifaceted, more nuanced, and certainly more complex analyses and interpretations, similar to the growth of feminist inquiry in general" (Ahrentzen, 2003, p.184).

Dentro da linha proposta por este volume da Revista Urbana, que busca a discutir as contribuições interdisciplinaridade para arquitetura, a coletânea de Rendell et al (2000) é adequada por fornecer dividir as contribuições por áreas disciplinares:

- Parte 1 – Gênero: artigos feministas e da área de estudos de gênero;
- Parte 2 - Gênero *Espaço*: disciplinas que abordam questões espaciais, como geografia, antropologia, estudos culturais e outras;
- Parte 3 - Gênero Espaço Arquitetura: pesquisas de arquitetas sobre os temas de história, ensino e teoria.

Na parte 1 encontram-se desde excertos dos livros de Virginia Wolf (*A room of one's own*, de 1929) e Simone de Beauvoir (*The second sex*, de 1949) a capítulo de Luce Irigaray (*This sex which is not one*⁴). Na parte 2 destaca-se excerto do capítulo 8 do livro *Space Place and Gender* (1994) da geógrafa Dorren Massey, e a contribuição de bel hooks, feminista e ativista social. Na parte 3, estão incluídas as contribuições de arquitetas, como as de Denise Scott-Brown, *Room at the Top?*; Dolores Hayden, *non-sexist city*; Karen Frank sobre ensino de arquitetura; e Diane Agrest, sobre corpo e ambiente construído na construção de identidades de gênero.

Ahrentzen (2003) critica esta categorização por reforçar a manutenção de limites estreitos da área de arquitetura, devido a seção Gênero Espaço Arquitetura ter somente temas ligados a história, ensino e teoria⁵. Ahrentzen (2003), no *review essay* que escreve 25 anos após o artigo seminal de Dolores Hayden e Gwendolyn Wright (1976), defende uma abordagem de arquitetura feminista contextual transformativa⁶.

Publicação recente que se insere nessa abordagem feminista contextual transformativa defendida por Ahrentzen (1996; 2003), é a coletânea *Feminist practices* (Brown, 2011), que possui 4 seções com pesquisas abordando: a. prática profissional, b. ensino/pedagogia, c. design/arranjos espaciais, e d. projetos comunitários-participativos.

Outra crítica de Ahrentzen (2003) é direcionada às abordagens contextuais feministas textuais, por tratarem as questões em termos abstratos, com linguagem inacessível e desvinculada da realidade social e histórica, não sendo capaz de produzir resultados práticos que possam efetivamente contribuir para uma mudança das condições das arquitetas.

4 Capítulo do livro *New French Feminisms* (Marks e Courtivron, 1980).

⁵ Segundo Ahrentzen (2003), são excluídos desta seção artigos que tratam de aspectos sociais e iniciativas participativas, como as apresentadas na seção 2 pela arquiteta Susana Torre sobre as Mães da Plaza de Mayo, e a crítica à noção restrita do "outro" em Foucault e de Certeau (McLeod 2000).

⁶ Nesse texto ela identifica duas formas de feminismo contextual: textual e transformativa.

Relevante para o tema desta edição da Revista Urbana é a crítica ao que Ahrentzen considera uma interdisciplinaridade parcial dos estudos de gênero em arquitetura, por faltarem contribuições de disciplinas diversas, dentre elas a sociologia:

Minha crítica ao apelo à interdisciplinaridade não é que ela não seja interdisciplinar, mas que, na maioria das vezes, as mesmas disciplinas são consideradas nos estudos. Se nós acreditamos que a interdisciplinaridade é importante, porque não buscamos isso de uma forma mais abrangente e inclusiva? [...] Como seria analisar a arquitetura do ponto de vista feminista e considerando não apenas design, história, psicanálise, literatura e filosofia (i.e., os suspeitos usuais), mas também arqueologia, sociologia, comportamento organizacional, planejamento e políticas urbanas, ciências cognitivas e evolutivas, cinética humana e similares? (Ahrentzen, 2003, p. 187)⁷.

Da mesma forma, Ahrentzen acredita que essa restrição no número de disciplinas que informa os estudos de arquitetura e gênero, leva a uma consequente restrição no escopo das metodologias e métodos de pesquisa utilizados: são poucos os estudos que usam métodos de observação e escuta (entrevistas) da sociologia, que permitem incluir os usuários do espaço. Como exemplo a seguir, Ahrentzen cita Ghirardo (1996), que baseando-se na sociologia de Pierre Bourdieu, identifica a contribuição das mulheres não arquitetas na construção da cidade.

Com o presente artigo, acredita-se poder contribuir com uma maior interdisciplinaridade em arquitetura ao apresentar as diferentes maneiras através das quais a sociologia de Bourdieu pode contribuir para estudos em arquitetura, incluindo os de gênero. Antes de apresentar a sociologia de Bourdieu e seus desdobramentos em arquitetura e gênero, será apresentado na próxima seção um breve relato do surgimento da interdisciplinaridade em arquitetura.

(linha em branco)

3. Interdisciplinaridade e arquitetura

O século XIX assistiu a uma série de mudanças de paradigmas; em arquitetura e Urbanismo, a abordagem funcionalista surgiu no início do século e atingiu seu apogeu durante o período de reconstrução seguido à Segunda Guerra Mundial. (Pérez-

⁷ Tradução da autora. No original, lê-se "My criticism of the claim of interdisciplinarity is not that it is not interdisciplinary but that it is often the same disciplines being invited to and appearing at the table. If we believe interdisciplinarity is important, why not pursue it in a more comprehensive, inclusive fashion? [...] What would it mean to look at architecture from feminist perspectives of not only design, history, psychoanalysis, literary studies, and philosophy (i.e., the usual suspects) but also archeology, sociology, organizational behavior, urban planning and policy, cognitive science, evolutionary science, human kinetics, and the like?" (Ahrentzen, 2003, p. 187).

Gómez 1983). Duas premissas básicas nortearam a abordagem 'funcionalista': 1) a classe média não possuía uma cultura autêntica, por não ser nem 'patrícia nem proletária' (Ley 1989:47); 2) a 'era da máquina', através da produção em série do ambiente construído permitiu a construção de uma nova ordem social, uma cultura de massa igualitária e universal. De acordo com Ley, "Significado nos objetos, no ambiente construído, foi definido em termos utilitários, de modo que uma estética uniforme e funcional tornou-se a expressão apropriada de uma sociedade de massa baseada na máquina" (Ley 1989:47).

Entretanto, após a 2ª Guerra Mundial, começaram a surgir os primeiros sinais de que o 'homem tecnológico' não se enquadrou no mundo 'universal' que vinha sendo criado para ele. Na década de 60 surgiram os movimentos sociais e de bairro, "...num esforço de preservar os espaços considerados importantes" (Ley 1989:53), e assim preservar o indivíduo contra a 'sociedade massificada'. Para se contrapor à abordagem meramente funcionalista, abordagens fenomenológicas, antropológicas e sociológicas passaram a ser aplicadas em arquitetura e urbanismo. De acordo com Ley, Os objetivos eram três: um desafio ontológico contra a abstração da sociedade de massa ou o bem comum; um desafio epistemológico contra a racionalidade instrumental dos engenheiros sociais que eram seus funcionários; e um desafio político contra a elite que compartilhava com seus ideais (Ley 1989:56).

Estas abordagens começaram a ser criticadas nos anos 80 por enfatizarem os aspectos fenomenológicos do lugar, e não considerar as relações de poder e controle exercido através do ambiente construído (Ley 1989). A adoção do conceito fenomenológico de 'sentido de lugar' criou empreendimentos como shopping centers e bairros cenográficos, que servem para encobrir a destruição do lugar. De acordo com Lefebvre (1991) e Dovey (1999), esse foi o custo de não se integrar fenomenologia dentro de um contexto sociológico e ideológico.

Torna-se evidente que as abordagens estritamente disciplinares não são mais capazes de dar respostas efetivas para uma sociedade complexa. As abordagens interdisciplinares emergiram na academia como uma forma de entender um mundo que não se enquadrava em nenhuma abordagem disciplinar/científica.

Na disciplina de sociologia, a partir da década de 90 o conceito de espaço/ambiente construído passou a ser incorporado a partir da sub-área de sociologia espacial, buscando estudar grupos sociais e sua relação com o espaço, numa perspectiva interdisciplinar. De acordo com Gieryn (2002), Bourdieu é um dos

responsáveis pela criação das condições que podem levar o estudo do ambiente construído a um lugar significativo na teoria sociológica (Gieryn 2002).

Dentro desse contexto, e num caminho inverso a partir da década de 90, a praxeologia de Bourdieu passou a ser utilizada como estrutura conceitual em diversos estudos que buscavam transcender os limites disciplinares em arquitetura e desenho da cidade, ao incorporar as questões de poder e corpo em estudos do lugar (Gieryn 2002; Dovey 1999). Segundo Dovey,

Sem um entendimento de ideologia, as atividades de design e pesquisa que procuram criar uma atmosfera de lugar agradável podem servir para legitimizar e reproduzir relações e práticas de poder existentes (Dovey 1999:45)⁸.

Entretanto, como apontado por Ahrentzen (2003), a contribuição da sociologia para estudos de gênero dentro do campo da arquitetura ainda é restrita, mas vem sendo ampliada nos últimos anos. A sua praxeologia vem contribuindo também com estudos específicos de gênero, principalmente seus estudos formação de identidade de gênero (McNay 1999).

Antes de apresentar os principais desdobramentos da sociologia de Bourdieu em arquitetura e gênero, será apresentada brevemente na próxima seção os principais conceitos de sua praxeologia.

4. A Praxeologia de Pierre Bourdieu

A sociologia de Pierre Bourdieu é conhecida nas ciências sociais (Durand 2009), o que poderia tornar redundante a descrição de seus principais elementos. Entretanto, acredita-se que uma breve descrição torna-se importante por tratar-se de um artigo direcionado a arquitetos e profissionais do desenho urbano, área disciplinar onde esta praxeologia ainda não é amplamente conhecida. Para esta área disciplinar, os conceitos de habitus e objetificação de capital são importantes e fundamentam os estudos desenvolvidos na área.

A praxeologia, ou teoria da prática, de Pierre Bourdieu foi desenvolvida na década de 70, quando as ciências sociais e humanas tinham 2 vertentes: o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss e a fenomenologia de Jean-Paul Sartre. Para Bourdieu, a ação ou prática da vida diária não é uma resposta direta para estruturas

⁸ Tradução da autora. No original, lê-se "Without an understanding of ideology, design and research activities that aim to make the experience of place more agreeable can serve to legitimize and reproduce prevailing relations and practices of power" (Dovey, 1999, p. 45).

externas, sejam elas micro estruturas, relacionadas à interação social, como postulado pela fenomenologia, ou macro estruturas constituídas por fatores sociais, culturais e econômicos, como no estruturalismo. Nem a ação é, para Bourdieu, simplesmente o resultado de cognição e intenções conscientes (Swartz 1997).

Bourdieu transcende as dicotomias do macro/micro e objetividade/subjetividade e “propõe uma teoria estrutural de práticas que conecta a ação à cultura, estrutura e poder”⁹ (Swartz, 1997, p. 09). Para Bourdieu, a problema das abordagens fenomenológicas é que elas não consideram que o mapa mental de um indivíduo é dependente de sua posição no espaço social. Da mesma forma, Bourdieu considera reducionista a abordagem estruturalista de Lévi-Strauss porque ela falha em considerar a “orientação prática da ação” (Swartz, 1997, p. 59), ou seja, as ações dos indivíduos são desenvolvidas como respostas práticas às atividades do dia-a-dia e não se constituem a execução de um modelo racional (Swartz 1997).

Bourdieu se empenhou em quebrar estas dicotomias em favor de uma pesquisa interdisciplinar de forma a unificar as abordagens fenomenológicas e estruturalistas, e teoria e prática (Bourdieu e Wacquant 1992). Segundo Wacquant,

Baseado numa ontologia não cartesiana que recusa separar objeto e sujeito, intenção e causa, materialidade e representação simbólica, Bourdieu procura superar a redução debilitante da sociologia a uma física objetiva das estruturas materiais ou a uma fenomenologia construtivista de formas cognitivas¹⁰ (Wacquant, 1992, p. 05)

Bourdieu descreve sua praxeologia social, ou teoria da prática, como um “estruturalismo construtivista”, ou um “construtivismo estruturalista” (Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 11):

Na teoria da prática, conforme a prática exige, contrária ao materialismo positivista, os objetos do conhecimento são construídos e, contrário ao intelectualismo idealista, o princípio dessa construção é uma atividade prática orientada para funções práticas (Bourdieu, 1977, p. 96)¹¹.

⁹ Tradução da autora. No original lê-se: ...“proposes a structural theory of practices that connects action to culture, structure and power” (Swartz, 1997, p. 09).

¹⁰ Tradução da autora. No original lê-se: “Based on a non-Cartesian ontology that refuses to split object and subject, intention and cause, materiality and symbolic representation, Bourdieu seeks to overcome the debilitating reduction of sociology to either an objectivist physics of material structures or a constructivist phenomenology of cognitive forms...” (Wacquant, 1992, p. 05).

¹¹ Tradução da autora. No original, lê-se “The theory of practice as practice insists, against positivism materialism, that the objects of knowledge are constructed, and against idealist intellectualism, that the

Assim, a praxeologia de Bourdieu se insere num paradigma crítico na medida em que ele se propõe a desvelar os processos através dos quais construímos nossa realidade. Bourdieu acredita que o cientista social deve atuar como o “inconsciente social” da sociedade, expondo interesses dos diferentes grupos, de forma a ajudar certos grupos a libertarem-se da dominação e eventualmente criar uma ordem social alternativa (Swartz, 1997, p. 10). Segundo Wacquant:

A sociologia de Bourdieu também pode ser entendida como política no sentido que ele atribui para esse termo: uma tentativa de transformar os princípios da visão pela qual construímos, e portanto racionalmente e humanamente moldamos a sociologia, a sociedade e, por fim, nós mesmos (Wacquant, 1992, p. 59)¹².

A praxeologia de Bourdieu é composta de 3 conceitos e sua relação é esquematicamente expressa por: “[*habitus*] (*capital*) + campo = prática” (Bourdieu, 1984, p. 101). Segundo Bourdieu, a ação humana é o resultado da interrelação entre pessoas com *habitus* e níveis de capital diferentes, nos diversos campos:

...capital é uma relação social, i.e., uma energia que somente existe e produz seus efeitos no campo em que é produzido e reproduzido... Na prática, quando isso ocorre em um campo específico, as posses, internalizadas em tendências [*habitus*] e objetificadas em bens culturais ou econômicos... não são todas simultaneamente atuantes; a lógica específica do campo determina aquelas que são válidas para o mercado... e quais, em relação a esse campo, funcionam como capital específico – e, conseqüentemente, como um fator que explica as práticas (Bourdieu, 1984, p. 113)¹³.

Bourdieu define *habitus* como um sistema de estruturas internalizadas responsáveis pela percepção do mundo, disposições que governam a ação, ou disposições corporificadas (*embodied dispositions*). Para Bourdieu, o *habitat* (termo

principle of this construction is practical activity oriented towards practical functions” (Bourdieu, 1977, p. 96).

¹² Tradução da autora. No original, lê-se “Bourdieu’s sociology may also be read as politique in the sense he gives to this term: an attempt to transform the principles of vision whereby we construct, and therefore may rationally and humanely shape, sociology, society and, ultimately, our selves” (Wacquant, 1992, p. 59).

¹³ Tradução da autora. No original, lê-se “...capital is a social relation, i.e., an energy which only exists and only produces its effects in the field in which it is produced and reproduced...In practice, that is in a particular field, the properties, internalized in dispositions [*habitus*] or objectified in economic or cultural goods...are not all simultaneously operative; the specific logic of the field determine those which are valid in this market...and which, in relationship with this field, function as specific capital – and, consequently, as a factor explaining practices” (Bourdieu, 1984, p. 113).

que ele usa para designar os espaços social e físico) molda o habitus e é modificado por ele.

Campo é uma arena governada por uma lógica específica, dentro do campo social. Campo se assemelha com um "microcosmo social autônomo" (Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 97), uma das várias esferas/arenas de associação social.

Bourdieu defende a existência de quatro tipos diferentes de capital: econômico, cultural, social e simbólico. Dentre as quatro formas, o capital econômico é o mais frequentemente associado com a palavra capital, e se refere aos recursos monetários e físicos e riqueza material em geral (Bourdieu e Wacquant 1992; Everett 2002). As outras três são formas de capital não-material. Capital cultural se refere ao conhecimento e habilidades (Bourdieu 1986). Capital social se refere ao "Somatório dos recursos atuais e potenciais relacionados à posse de uma rede de relações duráveis, institucionalizadas em maior ou menor grau, de contatos e conhecidos"¹⁴ (Bourdieu, 1986, p. 248-9). A quarta forma de capital, capital simbólico, é a forma assumida pelas outras três quando são consideradas legítimas por um certo grupo (Bourdieu 1986).

Cada uma destas quatro formas de capital pode adotar três estados diferentes, se tornando corporificado (*embodied*), objetificado (*objectified*), e institucionalizado (*institutionalized*).

Assim, de acordo com Bourdieu (1986), capital cultural pode ser

- corporificado nos modos e maneira de agir, sotaque e conhecimento. Não pode ser transferido porque está ligado ao corpo como habitus/disposição para algo;
- objetificado em livros, objetos de arte e monumentos. Essa objetificação pode ser apropriada de 2 maneiras: material e simbolicamente. Livros podem adquiridos com capital econômico ou, simbolicamente, através do capital cultural corporificado, na capacidade de ler e entender seu conteúdo;
- institucionalizado na forma de qualificações acadêmicas que fornece reconhecimento oficial de competências específicas.

Suas teorizações sobre capital social encontram-se dispersas em diversas publicações. Especialmente quanto ao aspecto objetificado no ambiente construído, Bourdieu veio a desenvolvê-lo em livros posteriores, como no capítulo *Site Effects* de *The Weight of the World* (1999):

¹⁴ Tradução da autora. No original, lê-se "The aggregate of the actual and potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition" (Bourdieu, 1986, p. 248-9).

- Corporificado em competências sociais e modos e maneiras de agir e sotaque, na medida em que estes indicam o pertencimento a grupos específicos, tanto com quanto sem prestígio;
- Objetificado nas interações sociais (Bourdieu 1977;1986), e na proximidade e acessibilidade do espaço físico (Bourdieu 1999);
- Institucionalizado na forma de títulos de nobreza, que garantem uma forma particular de relação social duradoura¹⁵ (Bourdieu, 1986, p. 251).

A quarta forma de capital, capital simbólico, "...é um crédito, um poder concedido àqueles que tendo obtido reconhecimento suficiente estão na posição de impor reconhecimento"¹⁶ (Bourdieu, 1989, p. 23). Possuir capital simbólico é ter poder para "fazer coisas com palavras", para "consagrar"¹⁷ (ibid, p.23). Assim, este poder é dado a um indivíduo por aqueles que aceitam seu papel legítimo de líder do grupo, o que indica tanto uma relação de dominação quanto de confiança:

Capital simbólico permite formas de dominação que implicam dependência daqueles que podem ser dominados, já que ele existe somente através da estima, reconhecimento, crédito e confiança, e só pode ser perpetuado na medida em que seja bem sucedido em dar credibilidade a sua existência¹⁸ (Bourdieu, 2000, p. 166).

Da mesma maneira que nas outras formas de capital, o capital simbólico também pode assumir 3 estados diferentes:

- Corporificado em autoridade, carisma e graça. Bourdieu teve este insight na sua pesquisa da sociedade Kabyla e a noção de *sar*, que é considerada "...a qualidade inerente a uma pessoa [que] que inspira confiança e é exercida na forma de uma autoridade protetiva em relação àqueles que confiam a si mesmos a ele"¹⁹ (Bourdieu, 1977, p. 193);

¹⁵ Tradução da autora. No original lê-se "guarantees a particular form of social relationship in a lasting way" (Bourdieu, 1986, p. 251).

¹⁶ Tradução da autora. No original lê-se "...is a credit, it is the power granted to those who have obtained sufficient recognition to be in a position to impose recognition" (Bourdieu, 1989, p. 23).

¹⁷ Tradução da autora. No original lê-se "make things with words", to "consecrate" (ibid, p.23).

¹⁸ Tradução da autora. No original lê-se "Symbolic capital enables forms of domination which imply dependence on those who can be dominated by, since it only exists through esteem, recognition, belief, credit, confidence of others, and can only be perpetuated so long as it succeeds in obtaining belief in its existence" (Bourdieu, 2000, p. 166).

¹⁹ Tradução da autora. No original lê-se "...the inherent quality of a person [that] inspires confidence in him and is exercised in the form of a protective authority over those who entrust themselves to him" (Bourdieu, 1977, p. 193);

- Objetificado em coleções de bens de luxo que atestam o bom gosto e a distinção do proprietário (Bourdieu, 1977, p. 197);
- Institucionalizado em títulos de nobreza e credencias educacionais, que funcionam como “verdadeiros títulos de propriedade simbólica que fornece a alguém o direito de compartilhar os lucros do reconhecimento”²⁰ (Bourdieu, 1989, p. 21).

Assim, a concepção de capital de Bourdieu assume que capital pode ter diversas formas e que a posição de uma pessoa no espaço social é dependente, não somente da quantidade de capital econômico, mas da quantidade das diversas formas e capital.

Pode-se sumarizar a praxeologia de Bourdieu destacando os dois pontos importantes para estudos de gênero e arquitetura: 1. a relação entre campo, habitus e capital é ontológica: habitus é habitat e capital corporificados; habitat ajuda a constituir um certo habitus que em torno recria esse habitat; 2. habitus, campo e capital podem ser objetificados no espaço físico/ambiente construído.

5. Contribuições da sociologia de Bourdieu para estudos de gênero e gênero em arquitetura

Diversos conceitos da teoria de Bourdieu vem sendo adotados por pesquisadores de diferentes disciplinas. Segundo Dovey, “novas oportunidades para estudos relacionados a teoria, educação e prática da arquitetura emanam da obra de Bourdieu”²¹ (Dovey 2002:276).

Habitus vem sendo aplicado a áreas diversas, como estudos urbanos (Hillier and Rooksby 2002), arquitetura (Dovey 1999 and 2002), antropologia (Ingold 2000; Pellow 1992), geografia (Podmore 1998; Bridge 2001), e feministas (McNay 1999).

A relação entre **habitus** e habitat/ambiente construído é intrínseco à praxeologia de Bourdieu, o que fez com que habitus passasse a ser usado na geografia e na arquitetura para explicar as relações entre as pessoas e o ambiente construído. Nestes estudos habitus assume a condição de “sentido de lugar incorporado”²² (Hillier and Rooksby 2002:05). Um exemplo é a análise dos moradores de *lofts* na cidade de Montreal, Canadá (Podmore 1998). Podmore parte da premissa que habitus pode ser constituído através de escolhas do tipo de ambiente construído;

²⁰ Tradução da autora. No original lê-se “true titles of symbolic properties which give one a right to share in the profits of recognition” (Bourdieu, 1989, p. 21). In addition, symbolic capital may be “officially sanctioned and guaranteed, and juridically instituted by the state” (Bourdieu, 1989, p. 21-22).

²¹ Tradução da autora. No original lê-se “new opportunities for architectural theory, education and practice flow from Bourdieu’s work” (Dovey 2002:276).

²² No original lê-se “...an embodied sense of place” (Hillier and Rooksby 2002:05).

que estilo de moradia é “parte da prática de distinção adotada pelos grupos sociais para construir identidade e participar em um habitus específico”²³ (Podmore 1998:286). Em Montreal, como em Nova Iorque, os moradores de lofts inicialmente eram um grupo com características comuns como profissão (artistas ou executivos de grandes corporações) e educação (altos níveis de capital cultural), que usam o ambiente construído para definirem-se “em oposição à classe média suburbana do pós-guerra”²⁴ (Podmore 1998: 286-287).

Bourdieu afirma que as estruturas mentais/habitus, por ser uma forma de representação e incorporação das estruturas sociais, podem “preencher funções políticas” e se tornar “instrumento de dominação” (Bourdieu e Wacquant 1992:13). Habitus assim o faz por reproduzir a hierarquia do espaço social de acordo com os que o dominam, contribuindo assim para a manutenção da ordem social.

Essa capacidade do conceito de habitus de explicar a forma através da qual os condicionantes sociais e ambientais são incorporados no corpo, é importante para a teoria feminista e a criação de identidade de gênero. Segundo (McNay 1999):

A ideia de uma relação dinâmica e não dicotômica entre o corpo e a subjetividade é importante para a teoria feminista porque permite o reconhecimento do papel central, mas não invariante, da sexualidade na experiência de mundo incorporada pela mulher (McNay 1999:98-99).

Em seu livro *A Dominação Masculina* (2014 [2002]), Bourdieu usa seu estudo na sociedade Kabyla para demonstrar como a dominação masculina torna-se naturalizada tanto através das estruturas sociais quanto físicas (ambiente doméstico) que incorporadas passam a constituir o *habitus*. Nas palavras McNay (1999:99), citando Bourdieu²⁵: “Esse processo de inculcação corporal é uma instância do que Bourdieu chama de violência simbólica ou uma forma de dominação que é exercida sobre um agente social com sua cumplicidade”.

Outro ponto importante para estudos de gênero, é que o conceito de habitus fornece uma forma de pensar a transformação do atual estado de dominação masculina, já que as estruturas mentais “...não simplesmente espelham as relações sociais mas ajudam a constituí-las. Assim, “...as pessoas podem, dentro de certos

²³ No original lê-se “...part of the practice of distinction between and among social groups that work to construct identification and participation in a clearly defined habitus” (Podmore 1998:286).

²⁴ No original lê-se “...themselves in opposition to postwar suburban middle classes” (Podmore 1998: 286-287).

²⁵ Ver Bourdieu e Wacquant (1992:57) e Bourdieu (2000:166).

limites, transformar o mundo transformando a sua representação”²⁶ (Bourdieu e Wacquant 1992:14). De acordo com McNay, “o trabalho de Bourdieu nos lembra que é essencial que o ‘sistema sexo-gênero’ seja pensado como temporal e *open-ended* se as mudanças das normas dominantes são imaginadas de outra forma que não a ruptura social”²⁷ (MacNay 1999:102).

Entretanto, de acordo com McNay(1999), a noção de habitus precisa ser integrada à de campo, para fazer com que a praxeologia de Bourdieu seja efetiva para a teoria feminista, permitindo uma análise do processo reflexivo de criação de identidade, aí incluída a de gênero. A noção de campo permite que se transcendam as dicotomias masculino/feminino e espaço público/privado em estudos de gênero:

A realização social das identidades masculinas e femininas não pode mais ser creditada a divisão direta entre o público e o privado... A noção de campo de Bourdieu provê uma forma de pensar esta diferenciação dentro da identidade de gênero.. Sua insistência na autonomia da lógica de cada campo sugere que as relações de gênero não são reproduzidas de forma invariante: existem tantas formas de feminino quanto há de classes²⁸ (McNay 1999:112).

Convém lembrar que essa dicotomia público-privado e a consequente ligação da mulher à esfera privada tem sido apontada como problemática para a igualdade feminina por autoras feministas e de diversas disciplinas que lidam com o ambiente construído, por como a geógrafa Doreen Massey (2009[1994]). Segundo MacNay, a noção de campo de Bourdieu ajuda a quebrar a categoria do privado em diferentes arenas de ação, permitindo buscar novas formas emancipatórias de pensar a identidade de gênero.

O conceito de **campo** vem sendo utilizado em estudos relacionados à prática profissional nos diversos campos, aí incluindo a prática profissional de arquitetura. Bourdieu possui estudos que analisam a prática dos campos de produção cultural, que inclui o campo dos intelectuais, campo da universidade, dos artistas e das profissões

²⁶Tradução da autora. No original lê-se “...do not simply mirror social relations but help constitute them “...one can, within limits, transform the world by transforming its representation” (Bourdieu e Wacquant 1992:14).

²⁷ Tradução da autora. No original lê-se “...Bourdieu’s work reminds us that it is essential that the ‘sex-gender system’ be conceived of as temporal and open-ended if change to dominant norms is to be conceived in terms other than social rupture” (McNay 1999:102).

²⁸ Tradução da autora. No original lê-se “The social realization of masculine and feminine identities can no longer be mapped on to a straightforward division between the public and private...Bourdieu’s notion of field provides a way of thinking through this differentiation within gender identity. His insistence on the autonomous logic of each field suggests that gender relations are not reproduced in an invariant way: there are as many ways of realizing femininity as there are classes and class fractions” (McNay 1999:112).

que lidam com o design do ambiente construído. Segundo estes estudos, há uma luta intrínseca a estes campos porque sua prática requer tanto o habitus intelectual quanto o de profissional liberal. Segundo Dovey, arquitetura "... por muito tempo tem existido com as tensões de ser arte e profissão – é a mais social das artes e a mais estética das profissões"²⁹ (2002:278). No Brasil, Durand (2009) entrevista 72 artistas, jornalistas, arquitetos e outros integrantes do campo das artes, influenciado pela praxeologia e metodologia adotada por Bourdieu, sobretudo a sua teoria dos campos culturais, buscando analisar as relações entre cultura e poder no Brasil no período de 1855 a 1985.

O estudo da prática profissional de arquitetura vem sendo objeto de pesquisas relacionadas a gênero. Afinal, o conceito de campo aliado aos dos diferentes tipos de capital permite explicar a formação do 'arquiteto dominante' no campo da arquitetura em função do seu habitus de classe social e de gênero.

Como exemplo, Stevens (1998) em sua tese de doutorado encontrou relação entre o capital cultural dos alunos e as taxas de sucesso tanto na graduação quanto no campo profissional. Mais recente, Chamberlain (2010) também encontrou relação entre níveis de capital cultural e índices de socialização entre estudantes de escolas de arquitetura.

Também utilizando a estrutura teórica de Bourdieu dos estudos do campo das artes e aliando as de gênero (A Dominação Masculina, 2014), Fowler e Wilson (2004) utilizam o campo de arquitetura como estudo de caso para analisar as entrevistas com mulheres arquitetas e identificar o que elas consideraram uma disposição para naturalizar a dominação.

O conceito de campo permite também explicar a luta interna para definir o que constitui uma contribuição relevante para a teoria ou os critérios para julgar uma boa obra de arquitetura, outras formas de ascensão ao grupo dominante dentro deste campo profissional. Em arquitetura, a partir dos anos 70, os critérios de relevância social vêm sendo substituídos por critérios meramente estéticos, evidenciando uma visão dominante masculina (Scott-Brown 1989; Ward 1996; Ahrentzen 1996), Sobre este assunto, Ahrentzen comenta sobre o que chama de 'legado da arte' em arquitetura:

²⁹ Tradução da autora. No original lê-se "...has long lived with the tensions of being an art and a profession – it is the most social of arts and the most aesthetic of professions" (2002:278).

Pierre Bourdieu mostra como os grupos dominantes retêm suas posições de poder e aumentam seu status através de mecanismos específicos, um dos quais é a categoria estética elevada a entidade universal³⁰ (Ahrentzen 1996, p. 75)

Assim, pode-se afirmar que uma das formas de violência simbólica no campo da arquitetura é a supressão do social, que produz uma prática que premia projetos desvinculados da rotina do dia a dia, e facilita a exclusão mulheres das premiações de prestígio. Isso torna projetos que lidam com equipamentos que melhoram a qualidade de vida (creches, escolas etc.) e a mobilidade nos espaços secundários (Weisman 2000; McLeod 1996).

Dovey (2002;1998) afirma que arquitetura precisa se conscientizar do seu poder de cristalizar identidades e representações no ambiente construído e de criar capital simbólico, já que “..mesmo seus produtos mais radicais operam para suprir novas imagens para apropriação”³¹ (Dovey 2002:278). Assim, o campo da arquitetura muito se beneficiaria em repensar o habitus do arquiteto, e a forma de fazer isso seria através de parceria com as ciências sociais (Dovey 2002;1998).

Essa opinião é semelhante à de Ahrentzen (2003), mencionada anteriormente, ao considerar restrito o escopo de arquitetura – história, ensino e teoria – excluindo das discussões as questões relacionadas à prática da profissão (Rendell et al 2000). Buscando repensar o habitus do arquiteto, pesquisas feministas em arquitetura vem propondo novas formas de desenvolver as atividades de atelier (Weisman 1996; 1999) e Frank (2000).

Ahrentzen (2003) também critica a linguagem elitista de arquitetas feministas (feminismo contextual textual), em favor do feminismo contextual transformativo. Nesse sentido, Bourdieu também aponta que a linguagem, na forma de capital cultural e social incorporados, pode também se converter em capital simbólico e assim reforçar a violência simbólica e dominação de indivíduos detentores deste capital em campos sociais específicos. Outra crítica de Ahrentzen (2003) diz respeito à pouca representatividade de métodos de pesquisa oriundos da sociologia. Nesse sentido,

³⁰ Tradução da autora. No original lê-se: “Pierre Bourdieu shows that dominant groups retain their positions of power and enhance their status by specific mechanisms, one of which is the aesthetic category as a universal entity (Ahrentzen 1996, p. 75).

³¹ Tradução da autora. No original lê-se “...even its most radical products operate to supply new images for appropriation” (Dovey 2002:278).

Corroto (1996)³² é um dos poucos exemplos de etnografia crítica feminista usada para descrever os problemas enfrentados no período de graduação em arquitetura.

Assim, acredita-se que como Ahrentzen (1996) já tinha apontado anteriormente, a praxeologia de Bourdieu tem a oferecer uma contribuição valiosa para estudos de gênero em arquitetura por oferecer uma lente crítica de análise bem como também de métodos de pesquisa no campo da arquitetura.

Além dos conceitos de *habitus* e *campo*, as diferentes formas de **objetificação** de capital são pertinentes para estudos relacionados ao ambiente construído.

Bourdieu busca com sua praxeologia desvelar estruturas de poder ocultas e por isso mesmo, ele manifesta uma sensibilidade por “persuasões ocultas” (Bourdieu and Wacquant 1992:168), como as inscritas no ambiente construído. Para Bourdieu, o espaço físico é um meio através do qual pode-se visualizar as estruturas que “...são reveladas somente nos objetos que elas estruturam” (Bourdieu 1977:90). Assim, de acordo com Bourdieu, o espaço físico exerce uma forte persuasão exatamente por não ser percebido como tal:

A imperceptível incorporação das estruturas de ordem social acontece, em grande parte, através de prolongadas e indefinidamente repetidas experiências de distanciamento espacial que reafirmam a distância social. Mais concretamente, essa incorporação se concretiza através de deslocamentos e movimentos corporais arranjados por estas estruturas sociais sob a forma de estruturas espaciais, e desta forma, naturalizados³³ (Bourdieu 2000:126).

Assim, de acordo com Bourdieu, é através da análise da objetificação das diferentes formas de capital que podemos lidar com as sutis, mas eficientes, formas de dominação que ele chama de violência simbólica:

Porque o espaço social está inscrito ao mesmo tempo nas estruturas espaciais e estruturas mentais que são parcialmente produzidas pela incorporação dessas estruturas, o espaço é um dos locais onde o poder é exercido e

³² Infelizmente, trata-se de dissertação de mestrado em sociologia, o que corrobora a crítica de Ahrentzen (2003).

³³ Tradução da autora. No original lê-se: “The imperceptible incorporation of structures of the social order happens, in large part, through prolonged and indefinitely repeated experience of the spatial distance that affirms social distance. More concretely, this incorporation takes place through displacements and body movements organized by these social structures turned into spatial structures and thereby naturalized” (Bourdieu 2000:126).

exercitado, e sem dúvida, em sua forma mais sutil, como violência simbólica que passa despercebida como violência³⁴ (Bourdieu 1999: 126).

Adotando a mesma premissa da violência simbólica do ambiente construído descrita por Bourdieu, Doan (2010) utiliza a autoetnografia para identificar a dificuldade imposta aos transgêneros no uso de espaços públicos criados dentro de uma lógica binária – masculino e feminino – que ela denomina de ‘tirania de gênero’ (2010:635). Nesse artigo Doan lança diversos questionamentos para as disciplinas que lidam com o ambiente construído e gênero, dentre elas: “Existem contextos sociais e espaciais que empoderam a performance de gêneros não-binários e como eles operam?”³⁵ (Doan 2010:649). Ou seja, ela defende a necessidade de se buscar novas configurações do ambiente construído.

As diferentes formas de capital propostas por Bourdieu, rebatidas em diferentes formas de objetificação, permitem que diversos estudos se utilizem dessa teoria para embasar estudos em diferentes disciplinas. Dentre as formas de objetificação, as que lidam com capital cultural e capital simbólico objetificados foram as que mais atenção receberam do próprio Bourdieu, o que permitiu seu uso mais direto, como nos estudos da geografia desenvolvidos por Duncan e Ley (1993), Duncan e Lambert (2002), além de Dovey (2002; 1999), já citado na área de arquitetura.

Com relação ao capital social, ele tem fundamental importância na sua praxeologia, sendo “... uma das bases da violência simbólica, ou da exclusão de algumas pessoas de acesso aos recursos culturais ou econômicos devido ao não reconhecimento de como a reputação de um indivíduo ou grupo de pessoas pode reforçar o poder de elites locais ou nacionais”³⁶ (Flora 1998:314).

Essa importância do capital social incorporado para a vida das cidades é citado de maneira pioneira por Jane Jacobs (1961). Streatfield (2012) aponta para sua importância para a dificuldade de inserção da mulher na prática de arquitetura da paisagem no início do século passado, excluídas dos grandes contratos públicos

³⁴ Tradução da autora. No original lê-se: “Because social space is inscribed at once in spatial structures and in the mental structures that are partly produced by the incorporation of these structures, space is one of the sites where power is exerted and exercised, and, no doubt in its subtlest form, as symbolic violence that goes unperceived as violence” (Bourdieu 1999: 126).

³⁵ Tradução da autora. No original lê-se: Are there social and spatial contexts that empower the performance of non-binary genders and how do they operate? (Doan 2010:649).

³⁶ Tradução da autora. No original lê-se: “...one of the foundations of ‘symbolic violence’, or the exclusion of some people from cultural or economic resources because of a ‘misrecognition’ of how the reputation of an individual or a group of people can reinforce the power of local or national elites (Flora 1998:314).

devido à "... exclusão das mulheres das redes sociais urbanas de poder que controlam as patronagem dos projetos de paisagismo"³⁷ (Streatfield, 2012:11).

Apesar de sua importância na praxeologia de Bourdieu, ele não desenvolveu tão efetivamente quanto fez para com capital cultural e simbólico, as diferentes formas de objetificação. Como mencionado anteriormente, para Bourdieu capital social pode ser objetificado tanto nas interações sociais (Bourdieu 1977;1986), como tratado por Jacobs (1962) e Streatfield (2012), quanto na proximidade e acessibilidade do espaço físico (Bourdieu 1999). Estas últimas duas formas tem estreita relação com as questões de desenho inclusivo abordadas em arquitetura bem como com as dificuldades de mobilidade impostas pela urbanização descentralizada às mulheres (Hayden 1986; McLeod 1996).

Visando complementar o conceito de capital social objetificado para incluir os aspectos simbólicos e de identidade de grupo, Caser (2004 e 2006) propõe duas outras formas de objetificação de capital social. O objetivo era introduzir na disciplina de arquitetura uma estrutura conceitual que ajudasse a informar a prática projetual de espaços inclusivos. Esse conceito de capital social objetificado expandido serviu como ponto de partida para uma metodologia proposta para projeto de espaços públicos (Caser 2012).

Assim, baseado no exposto, pode-se afirmar que o campo da arquitetura, apesar de uma crescente interdisciplinaridade, que teve início a partir dos anos 60, ainda se ressentir da falta de uma maior incorporação de teorias e metodologias da sociologia para informar os estudos de gênero em arquitetura. A praxeologia de Pierre Bourdieu é considerada por diversos autores como pertinente e já vem sendo aplicada principalmente em estudos na área de arquitetura relacionados à construção do lugar, com o conceito de habitus. Em análises da prática da arquitetura essa praxeologia vem sendo utilizada, tendo como base a teoria dos campos e a noção de capital cultural corporificado e capital simbólico, que compõe a maior parte dos estudos. O conceito de capital social objetificado apresenta potencial para informar estudos de desenho urbano de espaços públicos, mas ainda precisa ser operacionalizado para incorporar uma perspectiva feminista.

Este artigo buscou apresentar e evidenciar os ganhos da incorporação da praxeologia de Bourdieu em estudos de arquitetura feminista crítica/transformativa.

³⁷ Tradução da autora. No original lê-se: "... exclusion of women from the urban power networks that controlled the patronage of urban landscape commissions" (Streatfield, 2012:11).

Sabe-se que num paradigma, questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas se imbricam para constituir uma visão de mundo. Assim, é natural que a busca por uma linguagem compartilhada, uma metodologia mais inclusiva, que inclua os diversos agentes de um determinado campo social, ajude a criar e constituir uma prática que pode responder afirmativamente à pergunta de Elizabeth Grosz: "Existem formas de ocupar o espaço e produzir lugares que de alguma maneira contestam, desafiam e problematizam as modalidades dominantes de organização do espaço e do lugar?"³⁸ (Rothschild e Rosner 1999:15).

6. Referências

AGREST, Diane (1991). **Architecture from without: theoretical framings for a new practice**. Cambridge, Mass.: The Massachusetts Institute of Technology Press.

AGREST, Diane; CONWAY, Patricia; WEISMAN, Leslie (eds) (1996). **The sex of architecture**. New York: Harry Abrams.

AHRENTZEN, S. (1996). The F-word in architecture: feminist analysis in/of/for architecture. In: DUTTON, T.; MANN, L. (eds). **Reconstructing her practice: critical discourses and social practices**. London: University of Minnesota Press, p.71-118.

AHRENTZEN, S. (2003). The Space between the Studs: Feminism and Architecture. **Signs**, vol. 29, n. 1, p. 179-206.

BRIDGE, G. 2001. "Bourdieu, Rational Action and the Time-space Strategy of Gentrification". **Transactions of the Institute of British Geographers**, 26, p.205-216.

BOURDIEU, Pierre. (1977). **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (1979). **Algeria 1960**. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.

_____. (1983). "The Field of Cultural Production, or the Economic World Reversed". **Poetics**, v12, 311-356.

_____. (1984). **Distinction: a social critique of taste**. Cambridge, MA: Harvard University Press.

_____. (1985). "The Social Space and the Genesis of Groups". **Theory and Society**, v. 14, n. 06, p. 723-744.

³⁸ Tradução da autora. No original lê-se: "Are there ways of occupying space and producing places that somehow contest, challenge, and problematize the dominant modalities of organization, of space and place?" (Rothschild e Rosner 1999:15).

_____. (1986). 'The Forms of Capital'. In: RICHARDSON (ed). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, p. 141-158.

_____. (1987). "What Makes a Social Class? On the Theoretical and Practical Existence of Groups". **Berkeley Journal of Sociology: A Critical Review**, vol. 32, p. 1-18.

_____. (1989). "Social Space and Symbolic Power". **Sociological Theory**, vol. 7, no. 1, (Spring 1989), p. 14-25.

_____. (1990). **The Logic of Practice**. Stanford, California: Stanford University Press.

_____. (1991). **Language and symbolic Power**. Cambridge: Polity Press.

_____. (1998). "Social Space and Symbolic Power". **Sociological Theory**, vol. 7, n. 1, p. 14-25.

_____. (1999a). 'Site Effects'. In: BOURDIEU et al. **The Weight of the World**. Stanford, California: Stanford University Press, p. 123-129.

_____. (2000). **Pascalian Meditations**. Stanford, California: Stanford University Press.

_____. (2002). "Habitus". In: HILLIER; ROOKSBY (eds). **Habitus: a Sense of Place**. Aldershot: Ashgate. p. 27-34.

_____. (2014 [2002]). **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. (1992). **An Invitation to a Reflexive Sociology**. Chicago: The University of Chicago Press.

BOURDIEU, P. et al. (1999). **The Weight of the World: Social Suffering in Contemporary Society**. Stanford, California: Stanford University Press.

BROWN, Lorri (ed) (2011). **Feminist Practices**. Londres: Ashgate.

BURNS, Karen (2012). Women in architecture. Disponível em: <<http://www.archiparlour.org/women-and-architecture/>>. Acesso em: 15 out. 2013.

CASER, K. (2004). Physical-Social Capital: Towards a Critical Design Praxis for Communities of Place. Guelph: University of Guelph, 362 p. Tese de Doutorado. University of Guelph, Guelph, Canadá.

_____. (2006). 'The design of the built environment and social capital: Case study of a coastal town facing rapid changes'. In: MAIDA, C. (ed). **Sustainability and Communities of Place**. New York: Berghahn Books, p. 201-220.

_____. (2012). Place and Social Capital: Methodology for Analysis of Inclusion and Exclusion Objectified in Public Open Spaces. In: INTERNATIONAL URBAN DESIGN CONFERENCE, 2012, Nottingham, UK. **Anais...** International Urban Design Conference - Designing Place. Nottingham, UK.

CHAMBERLAIN, Jennifer (2010). **The cultural reproduction of architecture:** examining the roles of cultural capital and organization habitus in the socialization of architectural education. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Michigan, Ann Arbor.

COLEMAN, D.; DANZE, E.; HENDERSON, C. (eds) (1996). **Architecture and feminism.** Princeton, New Jersey: Princeton Architectural Press.

COLOMINA, Beatriz (ed) (1992). **Sexuality and space.** Princeton, New Jersey: Princeton Architectural Press.

CORROTO, C. (1996). **Constructioning Architects: A Critical Ethnography.** Columbus, Ohio: Ohio State University, 191 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia, Ohio State University, Columbus, Ohio.

DOVEY, K. (1999). **Framing Places: Mediating Power in Built Form.** London: Routledge.

_____. (2002). 'The Silent Complicity of Architecture'. In: HILLIER; ROOSKBY (eds). **Habitus: a Sense of Place.** Burlington, USA: Ashgate, p. 267-280.

DUNCAN, J. and Ley, D. (eds) (1993). **Place/Culture/Representation.** London and New York: Routledge.

DUNCAN, J. e LAMBERT, D. 2002. "Landscape, Aesthetics, and Power" in Agnew and Smith (eds). **American Space/American Place: Geographies of the Contemporary United States.** Edinburgh: Edinburgh University Press. pp.264-291.

DURAND, José Carlos (2009). **Arte, Privilégio e Distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil 1855/1985.** São Paulo: Perspectiva.

EVERETT, Jeffrey (2002). 'Organizational Research and the Praxeology of Pierre Bourdieu'. **Organizational Research Methods**, vol. 5, n. 1, p. 56-80.

FLORA, J. 1998. "Social Capital and Communities of Place". **Rural Sociology** 63(4), pp. 481-506.

FOWLER, Bridget; WILSON, Fiona (2004). Women Architects and Their Discontents. **Sociology**, vol.38, n. 1, p. 101-119.

FRANK, Karen (2000). A feminist approach to architecture acknowledging women's way of knowing. In: Rendell et al (eds). **Gender Space Architecture**: Londres: Routledge. p.295-305.

GHIRADO, D. (1996). "Where Are the Women in Architectural Studies?" In Ruedi et al (eds) **Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary**. London: Black Dog.1996, 156-73.

GIERYN, T. (2002). What Buildings Do. **Theory and Society**, vol. 31, p. 35-74.

HAYDEN, Dolores. (1982). **The grand domestic revolution**. Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology Press.

_____.(1986). **Redesigning the american dream**: the future of housing, work, and family life. New York: W.W. Norton.

HAYDEN, Dolores; WRIGHT, Gwendolyn (1976). Architecture and Urban Planning. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, vol. 1, n. 4, p. 923-33.

HILLIER, J.; Rooksby, E. (2002). "Introduction". In: HILLIER; ROOKSBY (eds). **Habitus: a Sense of Place**. Aldershot: Ashgate, p. 3-26.

INGOLD, T. 2000. **The Perception of the Environment**: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill. New York: Routledge.

JACOBS, Jane. 1961. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Random House.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell. **1991[1971]**.

LEY, David. (1989). "Modernism, Post-modernism and the Struggle for Place". In: Agnew and Duncan (eds) **The Power of Place**. Boston: Unwin Hyman.

MASSEY, Doreen (2009 [1994]). **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press (6ª impressão).

MCLEOD, Mary. (1996). "Other" spaces and "Others". In: Agrest et al **The sex of architecture**. New York: Harry Abrams. p.15-28.

MCNAY, Lois (1999). Gender, Habitus and the Field. **Theory, Culture and Society**, vol. 16, n. 1, p. 95-117.

NESBITT, Kate (2008). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify.

PACKWOOD, N. (2003). At the wall of darkness: Pierre Bourdieu. **Space & Culture**, vol. 6, n. 1, p. 5-8.

PÉREZ-GÓMEZ, A. 1983. **Architecture and the Crisis of Modern Science**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

PELLOW, D. 1992. "Spaces that Teach: Attachment to the African Compound" in Altman and Low (eds). **Place Attachment**. NY and London: Plenum Press. pp. 187-210.

PODMORE, J. (1998). "(Re) Reading the 'Loft Living' Habitus in Montréal's Inner City". **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 22, n. 2, p. 283-305.

RENDELL, Jane; PENNER, B.; BONDER, I. (eds) (2000). **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**. Londres: Routledge.

ROTHSCHILD, J; ROSNER, V. (1999). Feminisms and design: review essay. In: Rothschild, Joan (ed). **Design and Feminism**. Londres: Rutgers University Press. p.

ROTHSCHILD, Joan (ed) (1999). **Design and Feminism: revisioning spaces, places and everyday things**. Londres: Rutgers University Press.

RUBINO, S.(2003). Uma arquiteta, duas capitais, dois projetos de museu: o MASP e o Solar do Unhão. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL 5, 2003, São Carlos, SP. **Anais do 5º Seminário Docomomo Brasil**. São Carlos: SAP/EESC/USP.

RUBINO, S.(2010a). Carmen Portinho e sua capital para a vida moderna. **Revista da Biblioteca Mário de Andrade**, vol. 65, p. 73-92.

RUBINO, Silvana (2010b). Corpos, cadeiras, colares: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi. **Cadernos Pagu**, vol. 34, p. 331-362.

SÁ, Flávia C. (2010). **Profissão Arquiteta: Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico nas perspectivas das relações de gênero**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANDERCROCK, L. (2002). "Difference, Fear and Habitus: a Political Economy of Urban Fears". In: HILLIER; ROOKSBY (eds). **Habitus: a Sense of Place**. Aldershot: Ashgate, p. 203-218.

SCOTT-BROWN, Denise (1989). Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture. In: BERKELEY. (ed.); MCQUAID (assoc. ed.), p. 237-246.

STEVENS, Garry (1998). **The favored circle: the social foundations of architectural distinction**. Cambridge, MA: The Massachusetts Institute of Technology Press.

STREATFIELD, D. Gender and History of Landscape Architecture. In: Mazingo e Jewell, Linda (Eds). **Women in Landscape Architecture: Essays on History and Practice**. North Carolina: McFarland. 2012. p. 5-31.

SWARTZ, D. (1997). **Culture and Power: The Sociology of Pierre Bourdieu**. Chicago: The University of Chicago Press.

_____. (2002). 'The Sociology of Habit: The Perspective of Pierre Bourdieu'. **OTJR**, vol. 22, p. 61S- 69S.

TORRE, S. (ed) (1977). **Women in American Architecture**. New York: Watson-Guptill Publications.

WACQUANT, L. 1992. "Toward a Social Praxeology: The Structure and Logic of Bourdieu's Sociology" in Bourdieu and Wacquant. **An Invitation to a Reflexive Sociology**. Chicago: The University of Chicago Press. pp. 1-59.

WARD, Anthony (1996). The suppression of the social in design. In: Dutton, T.; Mann, L. (eds). **Reconstructing her practice: critical discourses and social practices**. London: University of Minnesota Press, p. 27-70.

WEISMAN, Leslie K. (1996). Diversity by design: feminist reflections on the future of architectural education and practice. In: Agrest et al **The sex of architecture**. New York: Harry Abrams. p. 273-286.

_____. (1999). Re-designing architectural education: new models for a new century. In: Rothschild (ed) **Design and Feminism: revisioning spaces, places and everyday things**. Londres: Rutgers University Press. p. 159-174.

_____. (2000). Prologue: Women's environmental rights, a manifesto. In: Rendell et al (eds) **Gender Space Architecture**. Londres: Routledge.

WEKERLE, Gerda; PETERSON, Rebecca; NORLEY, David (1980). **New space for women**. Boulder, Colo.: Westview Press.